



Transformado em templo religioso, o Cinema Santa Alice (Rio) agora anuncia cultos em vez de filmes.



A cruz no lugar da tela: a sala de projeções do antigo Cine Roxy (São Paulo) pronta para receber fiéis.

“Cidade sem cinema é como casa sem janela”

José Maria do Prado

Quando o PC de Tambaú se apossou do Rio Branco, o PRP, quase imediatamente, contra-atacou com o Royal.

A população desta pequena cidade do interior paulista, na época, mal ultrapassava a platéia de um cinema, mas os dois antigos e tradicionais partidos políticos do Estado, o Constitucionalista e o Republicano, mantiveram durante muitos anos uma espécie de guerrilha nas pequenas cidades: se alguém de um dos partidos abria um cinema, o outro lado se obrigava a fazer o mesmo.

A partir de 1907, com a chegada de Francisco Serrador à Capital, a exibição cinematográfica tomou impulso em São Paulo, e centenas de cinemas logo proliferaram por todo o Estado. O negócio nem sempre se mostrou muito rentável, principalmente nas pequenas localidades, mas os cinemas atravessaram os anos alimentados pela paixão, às vezes partidária, que os fizeram nascer. Muitos chegaram até esta década, para sucumbirem em massa, após heróica e demorada resistência. Alguns raros ainda se mantêm de pé.

Tentando equilibrar a receita e, quem sabe, fazer proselitismo, esses pequenos exibidores usavam vários expedientes. O mais inocente deles consistia em realizar sessões grátis de propaganda. Permanentes eram vendidas a preços irrisórios, dando direito à família, pelo mês inteiro. E, não raro, um cinema anunciava um grande filme: dias antes, o mesmo filme já estava no cinema rival. As artimanhas pouco valiam: perrepista de vergonha na cara não pisava em cinema constitucionalista, sendo a recíproca igualmente verdadeira.

Em Tambaú, o Rio Branco, fundado no começo dos anos 10 pelo sr. Rosa, constitucionalista roxo, não conseguiu adaptar-se ao cinema falado e acabou cedendo seu lugar para uma capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida. O Royal, sua réplica, dos perrepistas, só há pouco tempo morreu, deixando a cidade sem cinema e inspirando um grafito num dos seus muros: “Uma cidade sem cinema é como uma casa sem janela”.

O São Sebastião de Porto Ferreira é um dos raros sobreviventes. Ele nasceu em 1914, ao explodir uma cisão partidária entre os sócios do primeiro cinema da cidade, o Condor, ocorrida quatro anos após sua fundação. Entretanto, aqui, as razões comerciais falaram mais alto do que as políticas. Algum tempo depois, os dois cinemas fizeram um acordo comercial para exibir simultaneamente o mesmo filme (o que queria dizer a mesma cópia); en-

quanto se exibia uma parte numa casa, transportava-se rapidamente a outra para o ex-cinema rival. O armistício, porém, não foi aceito por todos. Houve até o caso de um italiano turrão que jurou jamais passar em frente ao Condor. E continuou a atravessar a rua, muitos anos depois que o cinema cedeu seu espaço a uma agência bancária.

As divergências partidárias cinematográficas não poupavam nem sequer famílias. O Teatro Apolo, de Jardínópolis, inaugurado em 1912, foi pouco mais tarde transformado no primeiro cinema da cidade, pelo perrepista sr. Brás Torraca. Ovelha tresmalhada, o sr. João, irmão mais novo do sr. Brás, aderiu aos constitucionalistas e aproveitou o *know-how* familiar para fundar um cinema concorrente, o Eclair. Cada um dos cinemas tinha a sua banda: o Apolo, a Carlos Gomes, e o Eclair, a Guarani. Nas noites de exibição, as bandas saíam em horários diferentes, acompanhadas pelos respectivos partidários dos cinemas. Hoje, o Apolo está desativado; o Eclair virou dançeteria.

Foi também uma paixão que fez nascer e sustenta até hoje o único cinema de Santa Bárbara D'Oeste. Neste caso, porém, não há nenhuma divergência política e sim uma história de amor.

Na cidade existira antes o Cine Íris que, ao fechar, em 1936, deixara a cidade sem cinema. No Íris, a adolescente Rosa aprendera a amar os filmes e, para ver seus ídolos, deslocava-se constantemente para as cidades vizinhas. Rosa casou-se com o capitalista Alfredo Maluf que, para poupar-lhe as constantes viagens, resolveu dar-lhe de presente um cinema, batizando-o com o nome de Santa Rosa. Hoje, viúva, dona Rosa jura manter funcionando o cinema, enquanto viver.

O amor ao próprio cinema, por si só, está garantindo ao sr. Francisco Mastroprieto, de Matão, o título de exibidor mais antigo do Brasil. Há muito tempo que o Politeama, fundado em 1910, pelo seu pai, deixou de ser rentável. O sr. Mastroprieto, porém, é outro que garante: enquanto ele viver, seu cinema também viverá.

A persistência, afirma o sr. Mastroprieto, é até um caso de gratidão. Atualmente, o Politeama dá prejuízo; foi muito diferente no passado. Desde o seu primeiro apito — sim, porque o Politeama era tocado a vapor e apitava antes do início das sessões, avisando o público — até os anos 70 o cinema deu muito dinheiro. Por causa disso, o



Miguel Mônico inaugurou o Cine Garça no início dos anos 30, numa pequena cidade do interior paulista.

sr. Mastroprieto fez, certa vez, uma linda viagem à Itália. No navio, encontrou José Mojica, o antigo galã, que virara frade franciscano. Batendo-lhe nas costas, o sr. Mastroprieto disse-lhe:

— Já ganhei muito dinheiro às suas custas.

Em Garça, os quatro irmãos Mônico herdaram do seu pai, Miguel, o Cinema São Miguel e, principalmente, o amor às atividades de exibição. Por isso relutaram muito, diante dos contínuos prejuízos, até que há dois anos resolveram fechar o cinema. Estão rejeitando, porém, todas as propostas para alugar o prédio. Querem fazer dele

uma espécie de museu, conservando o projetor, alguns velhos filmes, os antigos prospectos distribuídos antes das exibições dos grandes filmes. O sr. Miguel Mônico chegou a Garça em 1929 e a cidade não passava de uma grande fazenda de propriedade de Labieno da Costa Machado, que fundara, no começo do século, um dos primeiros cinemas da Capital. O sr. Miguel Mônico construiu um barracão e, aproveitando o velho projetor desse cinema, criou a primeira casa, o Cine Garça. O progresso da cidade logo fez o sr. Miguel Mônico construir um novo Cine Garça, quatro vezes maior e, finalmente, há 34 anos, o luxuoso São Miguel.